



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# Francisco Martins Sarmiento

## Esboço da sua Vida e Obra científica

Mário Cardozo

1.ª Edição: 1961

À MEMÓRIA  
DO ETNÓLOGO E ARQUEÓLOGO  
FRANCISCO MARTINS SARMENTO  
GLORIOSO EXUMADOR DA  
CITÂNIA DE BRITEIROS

consagra  
o autor.

Para tentarmos dizer quem foi o Dr. Francisco Martins Sarmiento, começaremos por focar, nos seus mais singelos aspectos humanos, a personalidade deste Homem superiormente notável.

Oriundo de uma distinta Família vimaranense, embora sem vetustos pergaminhos mas com abastança de bens de fortuna, senhor da Casa da Ponte, em S. Salvador de Briteiros, e de várias propriedades rústicas e urbanas no Concelho de Guimarães, em pleno Baixo Minho, era filho de Francisco Joaquim de Gouveia Morais Sarmiento, que, por 1822, foi alferes de Milícias em Braga e casou com Dona Joaquina Cândida de Araújo Martins. Deste casamento nasceram cinco filhos, sendo o único varão o Homem a cuja memória se presta homenagem com este modesto opúsculo — Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento, nascido a 9 de Março de 1833 num prédio que as exigências da urbanização fizeram, infelizmente, demolir em 1961, no actual Largo da República do Brasil da cidade de Guimarães, As suas irmãs chamaram-se Joana Carolina, Maria do Carmo, que foi viscondessa de Roriz, Luísa Augusta e Margarida Cândida, viscondessa de Arneirós.

Frequentou Martins Sarmiento as primeiras letras em Guimarães, entrando na escola aos oito anos de idade, e, terminada a instrução primária, foi

estudar latim no Colégio da Lapa, no Porto, concluindo seguidamente os restantes preparatórios em Coimbra, aos quinze anos, e matriculando-se então na Universidade, onde terminou o curso de Direito em 1853, tendo portanto apenas vinte anos. Seria, por essa época, talvez menos complicado do que hoje completar uma formatura. Contudo, a invulgar rapidez com que o jovem estudante alcançou a sua carta de bacharel em Direito revelava já «vivacidade e frescura de temperamento e de inteligência», como acentuou Vergílio Correia.

Após a morte de seus pais, que habitualmente residiam em Briteiros, Francisco Sarmiento, herdeiro de uma boa fortuna, solteiro, sem preocupações nem encargos familiares, fixou residência em Guimarães, num prédio do antigo Largo do Cai-mo, que ele próprio mandara construir, e que, por legado seu, é hoje proprietário da Sociedade Martins Sarmiento, encontrando-se ocupado pela Câmara Municipal que há anos ali instalou os seus serviços. Nesse prédio viveu o Arqueólogo durante perto de quatro decénios, ali trabalhou e escreveu as obras que tanto o notabilizaram, e ali faleceu em 9 de Agosto de 1899, com 66 anos e cinco meses de idade.

Em sua companhia viveu, durante anos, uma das suas irmãs, Joana Carolina, única que se conservara solteira, senhora de raros dotes de inteligência e que, talvez pelo convívio com seu irmão, se dedicava com acentuada predilecção à leitura e ao cultivo do espírito.

Nesse ambiente de tranquilidade e conforto, sem dificuldades materiais, decorrera a vida de Martins Sarmiento, que até aos 43 anos se conservou solteiro, pois só em 5 de Fevereiro de 1876 contraiu matrimónio, do qual não deixou descendência, com D. Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmiento, prima do 2.º Visconde de Pindela, que foi diplomata notável, e do Conde de Arnos, também vimaranense ilustre, literato distinto, palaciano da Corte de El-Rei D. Carlos I e grande amigo pessoal do inditoso monarca, gentil-homem a quem a Câmara Municipal de Guimarães erigiu há pouco uma estátua nesta cidade.

Antes de apreciarmos Martins Sarmiento através da sua Obra de investigador, prossigamos nesta análise dos seus aspectos externos e atitudes humanas, das suas qualidades pessoais, virtudes e reflexos do seu temperamento. Alberto Sampaio, historiador insigne, que pertenceu também à galeria dos grandes vimaranenses daquele tempo, deixou, em sóbrias palavras, um flagrante retrato do seu amigo Martins Sarmiento, descrevendo-o assim: «Alto, magro, de cabelos pretos retintos, a tez morena, o passo apressado, destacava-se em qualquer grupo, à primeira vista. Fisiologicamente um nervoso, falando por meias palavras, rápido e breve no discurso, como um homem que não pode desperdiçar o tempo, às vezes custava a perceber. A sua conversação usual, tocando aqui e ali a fugir, entrecortada de ditos alegres ou picantes, se carecia de atracção enlevadora, transbordava de típica graça portuguesa».

De trato afável, sempre bem humorado, gostava de conversar

despreocupadamente com a gente simples dos campos, e, desse contacto singelo e alegre com os humildes, ia colhendo inúmeras notas etnográficas sobre tradições populares. Durante os meses de verão que passava em Briteiros eram frequentes, no amplo terreiro em frente à sua casa solarenga, as festadas domingueiras aldeãs, organizadas pelas moças e rapazes da freguesia, que ali se reuniam a convite de Sarmiento, curioso de observar e surpreender, nos seus aspectos locais mais interessantes, o folclore deste povo alegre do Minho, a mais alegre e colorida das províncias portuguesas: eram danças, eram jogos de prendas, eram as trovas improvisadas do cantar ao desafio, ao som da viola e do harmónio, era toda essa expansão comunicativa e álcere da alma popular, que Martins Sarmiento analisava, admirava e sentia intensamente. E os bons campónios, adivinhando a simpatia espiritual, a franca e complacente bonomia do *fidalgo* da Casa da Ponte, dedicavam-lhe uma grande veneração, misto de leal amizade e de tímido respeito.

A atracção de Sarmiento pela vida campestre era assim bem manifesta. Uma boa parte do ano passava-a nessa casa de Briteiros, frente ao Monte de S. Romão, onde se encontram as ruínas da famosa Citânia. Ali decorriam breves os dias, que ocupava lendo, estudando, passeando sem cuidados pelos caminhos ensombrados e frescos, sob a ramaria do arvoredado avidado, ou pelas sendas tortuosas e áridas da montanha, quando vencia a encosta íngreme de S. Romão, para vigiar os trabalhadores que ocupava nas escavações da Citânia, ou subia ao Castro de Sabroso para igual fim.

Na mocidade fora um apaixonado caçador de perdizes, e mais tarde passava longas horas percorrendo as margens verdejantes do riacho de Briteiros, pescando à linha na corrente murmurante e límpida. Em 1898, um ano antes da sua morte, já minado pela doença que o havia de fazer sucumbir, escrevia ele em carta a Emilio Hübner: «... Já lá vai esse bom tempo em que eu corria montes e vales, sem medo ao sol, nem à chuva. Agora, se vou aos montes do Gerês, é só para pedir à fonte milagrosa que me dê alguns dias de saúde; e o resto do ano passo-o sentado numa cadeira, ou a dar passeios de lesma...». Mas a predilecção que manifestava pela simplicidade da vida aldeã, não obstava a que, no seu palacete de Guimarães, então já casado, recebesse fidalgamente os seus convidados, nas festas brilhantes que ali dava. Pouco mais de um ano antes de falecer, em Fevereiro de 1898, numa carta ao Arqueólogo Pedro Augusto Ferreira, Abade de Miragaia, que lhe pedira umas informações sobre o glossário de Du Cange, o austero investigador punha esta nota alegre de sociabilidade despreocupada:

«As meninas de Guimarães lembraram-se de vir dançar a minha casa, no domingo, a chula de Amarante, e não há remédio senão recebê-las carnavalescamente. Veja V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> se lerei tempo de pensar no Du Cange...

Da sua afabilidade de trato escreveu Alberto Sampaio:



**casadesarmento**

centro de estudos do património

«Homens distintos e vulgares, especialistas superiores ou simples amadores de arqueologia e folclore, recebia-os com urbanidade e agrado. Raro seria o forasteiro qualificado que viesse a Guimarães e o não procurasse».

Relatemos um pequeno episódio do seu feitio obsequioso e comunicativo: Quando Emilio Hübner, o sábio epigrafista alemão, visitou Martins Sarmento em Guimarães, em Setembro de 1881, e por este hospitaleiramente recebido em sua casa, foi, ao partir, brindado com três lindas caixas de magníficas frutas secas em açúcar, especialidade da doçaria vimaranense que o sábio germânico levou consigo para a sua pátria. Dois meses volvidos, ainda, de Berlim, lhe agradecia novamente a saborosa fruta doce, que, dizia ele em carta, constituíra as delícias da família e de alguns amigos com quem a repartira. E acrescentava com graça: «Voilà un résultat scientifique bien solide de mon voyage ! ».

A esta afabilidade de trato e de relações de sociedade aliava-se a modéstia e simplicidade de maneiras de Martins Sarmento, qualidades que geralmente distinguem os homens verdadeiramente superiores.

Quando, por 1877, o Dr. Pereira Caldas, natural de Vizela e antigo professor do Liceu de Braga, cultor apaixonado das antiguidades nacionais, pediu a Sarmento alguns dados biográficos, para serem incluídos no *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio, o sábio Arqueólogo vimaranense, depois de lhe enviar, embora contrariado, umas brevíssimas notas a seu respeito, fechava assim a carta: «E, como conhece bem o meu feitio, decerto acredita na franqueza com que lhe peço que seja o mais singelo que puder na sua nota biográfica». Um ano mais tarde, dizia Martins Sarmento em carta a Joaquim de Araújo, outro minhoto ilustre ainda então um jovem escritor, que depois, já cônsul de Portugal em Génova, tanto havia de notabilizar-se como poeta, historiador e crítico de Arte, o qual lhe pedira também o seu perfil autobiográfico, acompanhado de um retrato, para publicar na revista *Renascença*, de que era director: «... não tenho biografia que possa encher duas linhas, e que valha a pena encher uma. O Pereira Caldas já no *Dicionário* do Inocêncio disse duas coisas que só serviram para me irritar», E mais adiante, continuava: «...não há biografia possível para o meu retrato, e, se V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> quisesse fazer-me a vontade, nem dava uma coisa nem outra. A minha única qualidade boa é ser honrado. Como leitor tenho sido um *flâneur* que passa o tempo a ler... de tudo, e nunca escolhi uma especialidade, simplesmente porque nunca mirei a conquistar a celebridade pela pena, mas somente, no meu bairro, pelo amor da justiça e da verdade, Se a Citânia me fez conhecido um pouco, juro aos deuses que não foi para servir o meu país e a história dos Celtiberos que comecei a fossar naquelas ruínas: foi simplesmente por não ter que fazer. Disse não sei quem que fui o iniciador das conferências arqueológicas em Portugal. O título é realmente aparatoso; porém, a verdade é que nunca tive intenção de iniciar coisa alguma.

Lembraram-me que reunisse na Citânia alguns entendedores, e caí na asneira de anuir, principalmente porque contava esclarecer-me em matérias de que nada sabia, e pelas quais as escavações me iam fazendo interessar. Mas a minha ideia era fazer uma pequena romaria de curiosos, sem cerimónia, de sorte que pudéssemos ver as antigualhas em mangas de camisa. As coisas correram de outro modo, e quase diplomaticamente, mas é claro que a culpa não foi minha. E aqui está o iniciador das conferências arqueológicas de Portugal e das Ilhas! Estou no caso do Jourdain de Molière, a fazer prosa sem o saber. Em suma, ainda que eu quisesse, não podia dar-lhe materiais nenhuns para uma biografia, mesmo que ela se publicasse em Liliput».

Noutra ocasião, já vinte anos mais tarde, ao findar a tradicional sessão solene, que anualmente a Sociedade Martins Sarmiento realiza no dia 9 de Março, para festejar o aniversário do nascimento do insigne Patrono da Instituição, os promotores da homenagem dirigiram-se a casa do sábio vimaranense, para apresentar-lhe cumprimentos pessoais, organizando, como costuma dizer-se, «um luzido cortejo», sem lhe faltar a charanga à frente! Martins Sarmiento recebeu-os com a sua costumada amabilidade, mas ao feitio modesto do sábio desagradou intimamente esta demonstração ruidosa dos seus admiradores. E, em certa carta para o historiador e epigrafista notabilíssimo, Padre Martins Capela, desabafava manifestando nestes termos a contrariedade que a festa lhe causara:

«... Se eu soubesse das coisas a tempo de lhe valer, tê-lo-ia feito; mas soube-o tarde e a más horas. De certo estou muito grato às finezas extremas de que fui objecto, mas é tal a minha repugnância de entrar no palco e de estar em cena, que, se não fosse indecente, eu teria fugido para qualquer brenha, na véspera do dia 9 de Março».

Ainda uma nota interessante, para salientar o espírito de singeleza natural e de modéstia do insigne Homem de Ciência: quero referir-me ao curioso incidente de lhe ter sido recusada pelo Ministro do Reino, duque de Ávila e Bolama, a Comenda de S. Tiago, que o Marquês de Sousa Hölstein pedira para o insigne explorador da Citânia. Relata o Arqueólogo, num dos seus cadernos manuscritos inéditos, que, decorrido algum tempo após aquela recusa da Comenda, esta lhe havia sido finalmente oferecida, devido à interferência de um amigo que o não consultara previamente; mas que, então, fora ele quem recusara aceitá-la. O ministro, supondo que Sarmiento dispensara a honraria por a considerar insignificante recompensa dos seus méritos, replicara com azedume: «Que mais pode querer um *escavador de montes* ?» Esta expressão pejorativa provocou a Martins Sarmiento o seguinte comentário, que lançou no mesmo caderno íntimo: «Eu nem achava pouco nem muito. Tanto recusava o hábito de

S. Tiago, como outra coisa mais valiosa, para os que avaliam estas

futilidades. O desprezo pelo *escavador de montes* é que me pareceu sofrivelmente bacoco para um ministro do Reino». E, quando os que desconheciam as razões por que recusara receber a distinção honorífica lho perguntavam, respondia gracejando: «A comenda já não cabia na gaveta cheia dos meus diplomas...». Camilo Castelo Branco, grande amigo de Sarmiento, comentou mais tarde, nos *Echos Humorísticos do Minho*, em sua linguagem sacudida e cáustica como ferro em brasa, aquela atitude inferior e mesquinha do ministro, que hesitara em oferecer a um homem de tão alto valor a mais que merecida honraria.

Desde os 21 anos que Martins Sarmiento possuía a Carta de brasão de Moço Fidalgo da Casa Real, que então lhe fora concedida; pois, apesar disso, nunca no decorrer da sua vida mandara colocar pedra de Armas na frontaria das suas casas, nem por outro lado fazia a menor ostentação dos numerosos títulos académicos e honoríficos que possuía, aliás sem nunca os ter pedido, entre os quais brilhava o de Cavaleiro da Legião de Honra, com que fora agraciado pelo Governo Francês em 1880, após o Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas, nesse ano realizado em Portugal.

Estas simples anedotas contribuem contudo para estabelecermos o flagrante contraste das nobres e simpáticas atitudes do grande cientista com as de certas e vaidosas personagens dos nossos dias, que, ao menor pretexto, redigem por seu punho, ou encomendam às folhas noticiosas o elogio do seu imaginário valor pessoal. O verdadeiro espírito científico, porém, não carece de reclames:

impõe-se pelo seu valor real. Outro grande vimaranense da mesma geração, cuja modéstia se podia equiparar à de Sarmiento, foi Alberto Sampaio. Dele me dizia em carta, por ocasião do centenário do nascimento deste erudito historiador, a falecida Senhora D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães, viúva do notável escritor e estadista Luís de Magalhães, cuja casa em Aveiro era frequentada pelo seu íntimo amigo Alberto Sampaio, que era tal a modéstia deste homem superior que «quase pedia desculpa do seu saber e do seu valor às pessoas com quem convivia». Eram assim, naquele tempo, e são assim, ainda hoje, os homens verdadeiramente superiores.

o seu antagonista os esperava. Passados vinte e seis anos após este incidente jocosos da sua mocidade, já então homem ponderado e calmo, com absoluto domínio dos seus nervos, ainda em carta ao historiador Oliveira Martins dizia: «Sou leal e delicado, excessivamente delicado, talvez. Isto não quer dizer que tenha bons fígados e que, provocado, ponha grande dificuldade em jogar o murro com qualquer agressor».

Porém, espírito eminentemente superior e, por isso mesmo, estruturalmente simples e bondoso, não guardava ódios a ninguém, nem discutia com má fé. Defendia apenas aquela verdade de que estava profundamente



possuído. São testemunhos dessa atitude as polémicas que teve de sustentar com vários críticos dos seus trabalhos, como Hübner, Oliveira Martins, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos e outros. De facto, as obras de Martins Sarmiento foram, por vezes, severa e até agressivamente comentadas, especialmente no nosso país, com incontido azedume e manifesta intenção depreciativa. Haja em vista a discussão áspera que o erudito vimaranense manteve com o grande filólogo Adolfo Coelho, desde 1890 a 93, e que deu origem ao opúsculo de Sarmiento intitulado *Lusitanos, Lígures e Celtas*, um modelo de saber documentado, de dialéctica, de raciocínio claro e límpido, de correcção de linguagem, de elegância moral e de forma literária, que levou o sábio Emilio Hübner a classificar a seu autor de «polemista de primeira ordem», impressionado pela invulgar erudição que ele revelara nesse debate científico.

Vejamos outra faceta da sua personalidade. Martins Sarmiento era um homem franco, generoso e prestável. Um perfeito benemérito, na expressão completa desta palavra. Cito ainda Alberto Sampaio, no magnífico perfil

que dele nos traçou: «Obsequioso até ao extremo e dotado de franca generosidade, a sua preciosa biblioteca e os seus conselhos, mais preciosos ainda, estavam à disposição de quem os desejava». À Sociedade Martins Sarmiento, criada em sua homenagem, em 1882, por um grupo dos seus amigos e admiradores, fizera, ainda em vida, numerosas doações ao Museu, de objectos valiosíssimos, entre os quais dois preciosos braceletes de ouro, pré-históricos, por ele adquiridos quando da expedição científica à Serra da Estrela, organizada em 1881 pela Sociedade de Geografia de Lisboa, e da qual fizera parte como director da Secção de Arqueologia; doou-lhe ainda muitas lápides romanas; uma excelente colecção numismática; uma série magnífica de gravuras, constando de mais de 1.600 exemplares dos séculos XVIII e XIX, que pertencera ao insigne crítico de Arte Joaquim de Vasconcelos; todo o precioso espólio produto das suas escavações na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso; e muitos outros objectos de que se desapossava generosamente em benefício da Instituição que o tinha por Patrono ilustre.

Na Citânia pode dizer-se que despendera uma fortuna nas escavações, sem o menor auxílio do Estado. No seu *Diário* destas explorações encontra-se lançada uma nota muito curiosa, na qual relata ter ouvido um bom homem do povo exclamar com simplicidade, ao ver, assombrado, as largas escavações da Citânia, onde, a expensas do Arqueólogo, trabalhava um grande número de operários:

«Em vez de gastar tanto dinheiro a tombar pedras e a revolver montes, maior proveito tiraria o Sr. Sarmiento se legasse o que aqui desperdiça para que lhe fossem rezadas missas pela sua alma, quando morrer.. . », **E** ele ria destes comentários do povo ingénuo, que o estimava.

Mas não só na Citânia gastou avultadas quantias: também no arranjo

das instalações do Museu da Sociedade pagou do seu bolso uma quantia que hoje corresponderia a mais de 150 contos. Por fim, quando faleceu, herdou a Sociedade, por legado seu, não só diversos bens imóveis que têm garantido a vida desta benemérita Instituição, mas ainda a sua opulenta biblioteca erudita, onde os investigadores actuais podem encontrar, apesar de mais de meio século volvido, preciosos elementos de consulta e de estudo.

Em política não era um militante, nem estava ligado a interesses partidários, mas era um espírito intransigentemente liberal e tolerante. Os seus manuscritos inéditos estão repletos de comentários de uma visão agudíssima e arrojada, podemos dizer — profética, verberando os erros dos profissionais da política e a corrupção dos costumes do seu tempo, que estavam provocando o descrédito e o fim do regime monárquico.

Em religião, não sendo um católico praticante, estava profundamente integrado nos princípios eternos da moral cristã, pois era um homem essencialmente bom, honesto e justo, no mais alto significado semântico destas palavras.

As faculdades de trabalho intelectual de Martins Sarmiento pode dizer-se que eram quase ilimitadas. Quando morreu, além das suas obras fundamentais, a que vamos fazer referência, deixou numerosos artigos científicos dispersos em várias revistas especializadas, cerca de 4.500 páginas manuscritas *in-folio* sobre Arqueologia, Etnografia, Folclore e Tradições populares, que ainda hoje, 62 anos decorridos após a sua morte, continuam infelizmente aguardando publicação. O falecido Professor da Universidade de Munique, Sr. Dr. Georg Leisner e a Esposa, Senhora Vera Leisner, que foi sua ilustre colaboradora nos estudos da Cultura megalítica peninsular, quando há uns 30 anos atrás lhes mostrei em Guimarães esses preciosos manuscritos, ao folheá-los, interessadíssimos, repetiam, admirados, perante um labor tão fecundo: «Que extraordinário trabalhador foi Martins Sarmiento ! »

Só quando a doença se apoderou dele, prematuramente, as suas faculdades de trabalho foram também gradualmente diminuindo. Nos últimos anos da sua vida, o mal que o afligia, uma gastro-hepatite crónica, foi exercendo no seu espírito uma influência mórbida, tornando-o de cada vez mais desalentado e melancólico, e diminuindo-lhe progressivamente a sua extraordinária actividade intelectual. Em Novembro de 1891, numa carta ao seu amigo Padre Martins Capela deixa bem transparecer o estado de depressão moral em que se encontrava, mas tentando ainda reagir e preocupado sempre com as suas pesquisas arqueológicas. Dizia assim, depois de alongar-se em considerações acerca dos seus achques:

«... Enfim, vamos vivendo, neste vale de misérias. Os meus fígados, onde parece residir a causa principal dos meus incómodos, precisam das águas de Caldela, e para lá irei na primavera, se lá chegar, tanto por conselho dos



Esculápios, como pelo desejo de percorrer os arredores, onde não faltam velharias». Os oito anos que ainda decorreram entre esta crise e a sua morte foram de doença quase constante.

Alberto Sampaio, que assistiu aos seus últimos momentos, descreve assim o passamento do sábio: «Regressando de Briteiros em 19 de Junho de 1899 quase saiu da carruagem para a cama. Cortado de dores que o imobilizavam numa única posição, sem palavras de lamentação ou de amargura, viu a doença aumentar dia a dia com a impassibilidade estóica dos fortes, até que em 9 de Agosto sucumbiu à hora e meia da tarde. Mas pouco antes, quando a morte se debruçava sobre a fronte a dar-lhe o beijo da eterna paz, estendendo o braço emagrecido sobre a dobra do lençol, e dispondo a mão, como se tivesse uma pena, fazia o jeito de escrever, de quem escrevia freneticamente. Que pensamentos que tanto quis e não pôde exprimir lhe revolveriam o cérebro agonizante? E assim acabou, agitado num turbilhão de ideias, sem conhecer a velhice intelectual, quem passara um quarto de século a procurar raios de luz, que iluminassem as trevas do passado».

Fora na verdade a ânsia absorvente de desvendar as trevas do nosso remoto passado, e a fatalidade do seu amor pela Ciência, à qual Camilo, em comentário irónico para o sábio investigador chamara um dia «escura e triste coisa», que fizeram do glorioso vimaranense o asceta debruçado sobre os seus livros, e do homem despreocupado e rijo, curtido nas digressões venatórias pela montanha, esse velho gasto e decrépito, que, morrendo aos 66 anos, aparentava, na face enrugada e cansada pelas vigílias do estudo, ter vivido mais de oitenta invernos!

\*

Nesta primeira parte da biografia de Martins Sarmiento pretendemos apenas dar um esboço, nos seus aspectos superficiais e de convívio social, do Homem em relação ao meio em que a sua mentalidade se desenvolveu, um simples relance do seu temperamento, das suas qualidades morais, e até um pouco do seu aspecto físico. Sem dúvida que deficientemente o teremos conseguido, nos ligeiros traços deste perfil. Mas não importa, pois o que do Homem sábio mais nos interessa conhecer é a obra espiritual que ele edificou e legou à posteridade, a qual paira muito acima dos aspectos pessoais da vida íntima. Todavia, a nossa curiosidade insaciável exige sempre, na biografia dos grandes homens, o conhecimento da sua intimidade, os pormenores das suas qualidades e fraquezas, porque só através dessas fragilidades do barro que os prendeu à terra é que muitas vezes podemos compreender melhor os voos de

pensamento que os elevaram a eternidade.

Passemos então a fazer agora uma rápida descrição da Obra científica que Sarmiento realizou. Supérfluo seria dizermos que as referências que vamos fazer à obra científica de Martins Sarmiento não podem ter a veledade de constituir um estudo em profundidade, mas são apenas uma singela análise, que procuraremos resumir quanto possível, sem contudo falsearmos as linhas mestras dessa Obra.

A Obra científica de Martins Sarmiento oferece dois aspectos distintos: as suas explorações no campo, especialmente as realizadas na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, e as suas indagações no domínio especulativo. Estas duas modalidades da sua actividade científica eram conducentes a uma finalidade única — o conhecimento das origens etnológicas do povo português.

De facto, Martins Sarmiento foi essencialmente um etnólogo, pois a preocupação máxima e definitiva dos seus estudos foi a origem dos *Lusitanos*, após o encerramento das fases transitórias iniciais da sua vida intelectual, ou sejam: a das composições poéticas e romântico-literárias, que decorre desde 1855 a 1860, e a dos estudos sociológicos, que vai de 1868 a 75. Passemos em claro estes dois primeiros períodos da sua vida literária, porque só a fase científica nos interessa verdadeiramente, visto ter sido esse o ciclo de estudos que tornou o seu nome conhecido e admirado em toda a Europa culta. Sem dúvida que foi naquela fase em que, passado o período romântico, publicou diversos trabalhos de sociologia, e que antecedeu a fase científica dos seus estudos, que ele adquiriu, com leituras seleccionadas e grande poder de assimilação, a invulgaríssima soma de conhecimentos que lhe deram, como diz Alberto Sampaio, «a largueza de vistas característica das suas concepções», entrando a seguir desassombadamente no período definitivo da sua orientação intelectual. Começou então a fase positiva que havia de durar um quarto do século, até à sua morte, a fase científica de um cérebro que adquirira a consciência plena dos seus exactos limites. Martins Sarmiento revelou-se então o erudito, o etnólogo, o investigador que dentro em breve marcaria um lugar proeminente nos estudos da Pré-história nacional.

Por vezes se tem afirmado, em nossa opinião erradamente, que Martins Sarmiento foi um polígrafo, e que da sua robusta mentalidade de autodidacta abrangendo as múltiplas facetas de um enciclopedismo dispersivo, havia surgido o literato, o historiador, o crítico, o filósofo, o arqueólogo e o etnólogo! Quem tal defendeu desconhecia a sua Obra, e particularmente a sua formação e evolução mental. Sarmiento foi simplesmente, ou melhor, essencialmente, um etnólogo, como o afirmam os seus trabalhos fundamentais e a índole dos seus escritos, daqueles que marcaram o rumo definitivo do seu pensamento de estudioso. Escreveu é certo, sobre variados assuntos, muitos dos quais, como os da Arqueologia, estavam intrinsecamente ligados e eram

directamente subsidiários da Etnologia, ciência que constituiu o fulcro de toda a sua curiosidade de investigador. Mas nem por isso podemos afirmar que Martins Sarmiento tivesse sido um arqueólogo, na acepção restrita, limitada, da palavra, porque esta ciência de carácter objectivo não o deteve senão para poder documentar e contraprovar com ela as suas afirmações acerca das nossas origens. Por sua vez, a Etnografia, o Folclore, o estudo das Tradições populares eram tão somente para ele simples elos de unia cadeia desfeita pelos séculos, que pacientemente tentava recompor para ligar o presente ao passado, ou melhor, para desvendar no presente os vestígios diluídos de um remoto passado, que no seu dizer «está sempre mais perto de nós do que geralmente se imagina». Porém, Sarmiento não cultivava a Etnografia pela Etnografia, tal como a finalidade das suas escavações arqueológicas na Citânia de Briteiros, que aliás tanto o celebrizaram, nunca consistiu no simples quão fútil prazer de coleccionar inutilmente, dentro de um mostuário, dezenas de fragmentos cerâmicos e outras antigualhas, na aparência frívolas e banais. Ele próprio definia o seu pensamento nesta meia dúzia de palavras que deixou nos seus manuscritos: «As minhas escavações tinham por único fim procurar elementos que me guiassem mais seguramente que os livros no problema das nossas origens étnicas, e nunca pretendi as honras de arqueólogo». Ou ainda, numa carta ao Dr. Pereira Caídas:

«Tomou-me muito tempo a filosofia e a história dos sistemas filosóficos, mormente no que tinham relação com as religiões e a psicologia. Desci das teorias ocas à escola crítica, e aí achei-me em melhor terreno. Nestas santas disposições atirei-me à história, principalmente à história antiga, e, ia neste caminho, quando a Citânia me fez recuar até à pré-história».

De facto, quando Martins Sarmiento entrou na fase definitiva dos seus estudos era já possuidor de uma vasta cultura científica, literária e filosófica, começando então a embrenhar-se no labirinto das investigações pré-históricas e no enigma empolgante da etnologia dos *Lusitanos*. As humildes ruínas da Citânia constituíram assim a centelha que deu origem a essa labareda enorme em que ele havia de consumir os últimos 25 anos da sua vida. Um sonho deslumbrante se apoderou então de seu espírito! Tentava Sarmiento, ao revolver ansioso o subsolo da Citânia, recolhendo febrilmente os objectos que a terra ia restituindo aparentemente inúteis fragmentos dispersos de ânforas, restos de pequenas fibulas de bronze, simples inscrições mutiladas, rudes esculturas — desvendar o segredo que a esfinge guardava, o mistério que a montanha encerrava no seu ventre, reviver, em sua mente de iluminado toda essa vida passada, e animar de novo, pelo poder da evocação, as ruelas e calçadas toscas do povoado vinte vezes secular, abandonado à quietação da morte; escutar ainda longínquas vozes, ressonâncias bárbaras de um dialecto ignorado, a grita matinal e álaque do activo íncola, na sua faina diária; ver os rebanhos

movendo-se lentamente a caminho da pastagem; o fumo evolando-se das lareiras, através do colmado da cobertura cónica das choupanas redondas, de pedra, a revelar vida interior, ao calor do fogo; observar com vivo interesse o oleiro modelando amorosamente seus barros de formas elegantes, que o Romano trouxera por modelo; ouvir o martelo cantando na bigorna, e contemplar o ferreiro forjando as pontas de lança e os dardos, os *soliferrea*, e temperando as lâminas dos punhais para a luta feroz, corpo-a-corpo ou a ferramenta da labuta pacífica do trabalho; admirar o canteiro esculpindo habilmente, com o cinzel, no granito macio e fino, os seus artísticos desenhos decorativos, os entrelaços, os torsos, os símbolos astrais; o bronzista fundindo suas fíbulas e pesados braceletes maciços; o aurífice trabalhando graciosos *torques*, ou tecendo pacientemente delicados brincos de filigrana para adorno das mulheres, enquanto estas, com seus colares de contas policromas de vidro, brilhando ao pescoço, e seus cabelos negros, oleados e empastados, moldurando o rosto moreno, fiavam a lã churra e áspera, destinada aos saios escuros dos guerreiros, e a filharada semi-nua e suja, brincava à porta das cabanas. E desta maneira primitiva de viver e de amar, de trabalhar e de sofrer, desta visão fugaz adivinhada através dos escassos restos de um mísero espólio de cacos e despojos vãos que os séculos ainda não tinham feito regressar ao pó — pretendia Sarmiento enriquecer e ampliar com novos documentos a História pátria, e dar à História o seu verdadeiro sentido funcional, que é a ressurreição do passado! Exumando estes humildes achados, na perseverança de interpretar lendas que os séculos desvanecem, e por fim apagam, não recolhia Martins Sarmiento esses elementos dispersos movido pela simples curiosidade do pesquisador de antiguidades, ou estimulado pelo fervor de um colecionismo banal. Uma ideia mais alta guiava os seus passos, o talento aliado à Ciência orientava as suas investigações. O sonho que o animava era o mesmo que o eminente Professor da Universidade de Barcelona Dr. Luís Pericot, traduziu nestas palavras eloquentes e concisas: «O que procurámos desvendar numa fíbula ou num sílex é a parte espiritual do homem nas suas relações sociais. O que nos apaixona não é o objecto em si, posto que superficialmente assim o pareça, senão o que dele transcende em relação a fenómenos humanos mais profundos. É, portanto, este sentido funcional da sociologia pré-histórica, e de um modo geral esta interpretação da Etnologia moderna que se nos impõe como a visão mais completa do passado a que podemos aspirar». Este fundo de espiritualidade existente no estudo da Arqueologia e da ciência das origens étnicas sugeriu também ao ilustre Professor Mendes Corrêa, quando, na Universidade do Porto na data da celebração, em 1933, do Centenário do nascimento de Martins Sarmiento, pronunciou a magnífica oração de elogio do sábio vimaranense, estas considerações de tamanha elevação e beleza literária, que nos é grato repetir aqui: «No seu esforço evocador, as ciências do passado

fazem meditar na imensa procissão das almas — de almas como as nossas — que têm desfilado sobre o solo que pisamos. Reconstituem dramas como o nosso. O espectáculo das ruínas é uma tremenda lição para os que crêem na perenidade das mais gigantescas realizações materiais. Quantos ideais, quantos sofrimentos, quantos sacrifícios, quantas esperanças, quantas ilusões elas traduzem! A pedra de uma parede desmoronada evoca os seres que atrás dela encontraram refúgio e agasalho, e atrás dela sentiram, pensaram, sonharam, cantaram, sofreram. O caco mais grosseiro é um pedaço de alma do homem que o modelou. O ornato mais singelo é uma aspiração de beleza. O mais modesto objecto votivo é a expressão respeitável de uma emoção religiosa, do anseio profundo do sobrenatural, de uma vida interior que enobrece o homem. Uma epopeia humilde está escrita em todos esses despojos amarelecidos, entre os quais alguns, como as muralhas dos castros, falam do nobre indomável sentimento de independência dos nossos antepassados proto-históricos. Sangue lusitano, sangue nosso, tingiu essas muralhas altivas e heróicas. Desprezar com um sorriso de ironia essas ruínas sagradas seria o pior dos crimes».

As escavações da Citânia de Briteiros, iniciadas em 1875, duraram 9 anos, com ligeiras interrupções, até 1884. Lentamente, pacientemente, sem o menor auxílio dos poderes públicos, Sarmento pôs a descoberto as ruas e as calçadas, ladeadas dos alicerces das habitações, ergueu uma parte das muralhas que circuitavam a povoação, desobstruiu fossos, e foi coligindo os achados, num exaustivo trabalho de reconstituição histórica. Desde 1876 a 1880 praticou simultaneamente explorações também no coto de Sabroso, fronteiro ao Monte de S. Romão, onde descobriu uma outra povoação primitiva, muito menor do que a Citânia, mas, pelos seus aspectos e características dos objectos avulsos ali encontrados, talvez mais importante do que aquela para o estudo das nossas remotas origens. Martins Sarmento, dia a dia mais preso das suas aliciantes descobertas, resolve então alargar o âmbito dos seus estudos e pesquisas a unia extensa parte da região do Entre Douro e Minho, percorrendo incansavelmente, em campanhas e reconhecimentos sucessivos, toda a faixa litoral, desde o rio Minho ao Leça, onde encontrou numerosos vestígios de ruínas semelhantes às de Sabroso e da Citânia, com características inegáveis da mesma época, e da mesma civilização e cultura. Podemos afirmar que esta região do Entre Douro e Minho, terreno predilecto das suas prospecções, a ficou conhecendo a palmo.

O estudo comparativo e de conjunto destas diversas ruínas de povoados primitivos levou o investigador à convicção de que os seus edificadores eram povos não apenas de origem pré-romana, mas pré-celtas, oriundos das primeiras migrações arianas, que em época remotíssima se haviam estabelecido no ocidente da Europa. E concluía logicamente: «Os Lusitanos, ao contrário do

que geralmente se pensa, têm, graças à sua posição geográfica, uma das mais puras árvores genealógicas dos povos antigos». Os seus estudos vieram assim, dentro do campo da pré- e da proto-história, conjuntamente com os de Alberto Sampaio relativos ao período que se lhe segue — queda do Império e época dos Bárbaros — completar a História de Herculano com o capítulo que lhe faltou, provando que a nossa filiação nos *Lusitanos* históricos é um facto, e que os Portugueses não são um povo moderno, como queria o grande historiador, nem os *Lusitanos*, como substrato étnico da nossa raça, se corromperam e desapareceram na sucessão das invasões e conquistas. Eis a importância da tese defendida por Martins Sarmiento, bem como a das suas famosas escavações, que constituíram o testemunho documental dessa tese.

Sarmiento foi um precursor e um mestre. Antes dos seus estudos, que revolucionaram entre nós os métodos de investigação pré-histórica e arqueológica, todas as antiguidades nacionais que não tinham a marca da romanização eram consideradas celtas. Sarmiento destruiu este preconceito e abalou esta posição cómoda em que se mantinham os estudos dos nossos humanistas dos séculos XVII e XVIII. Correu então mundo a notícia das suas escavações, que lhe granjearam um renome europeu.

Passava-se isto em Portugal à volta de 1880, por ocasião da 9.<sup>a</sup> Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, então realizado em Lisboa. Já perto de um século antes o alemão Winckelmann, durante as assombrosas explorações realizadas em Pompeia e Herculano, dava um novo sentido aos estudos arqueológicos, que, até então, tinham apenas a finalidade do coleccionismo dos objectos encontrados, que vagamente recordavam um mundo extinto e desconhecido. As belas esculturas clássicas que, dentro do vasto orbe da Antiguidade greco-romana iam surgindo do seio da terra, tinham apenas servido para ornamento dos palácios dos príncipes da Renascença, dos poderosos dominadores das cidades, dos *condottieri* e dos novos-ricos de então. Nascera pois com Winckelmann uma ciência e uma técnica baseada em novos métodos. O estudo dos monumentos *in situ* constituiu uma novidade que veio alterar profundamente os conceitos da Arqueologia, a qual se converteu na grande auxiliar da História.

Nos começos do século XIX, outros sucessos estupendos ampliaram os domínios da ciência arqueológica: Champollion lia a escrita hieroglífica e criava-se uma nova classe de estudos, a *Egiptologia*, que revelava ao mundo assombrado a história e a cronologia absoluta de uma cultura e de uma civilização velha de mais de 4.000 anos! Por meados do mesmo século, Grotefend conseguia por sua vez ler a escrita cuneiforme da Mesopotâmia e conduzia ao conhecimento da cultura suméria, a mais remota de todas as do Próximo Oriente. Seguidamente Schliemann punha a descoberto a Tróia homérica e exumava os fabulosos tesouros encontrados nos túmulos reais de



Micenas! Os resultados magníficos destas aparatosas expedições arqueológicas realizadas no círculo do Mediterrâneo oriental, no Egipto e na Assíria, em Orcómenos, em Tirinto, em Olímpia ou Pérgamon, em Nínive e Babilónia, em Nemrod, no célebre Vale dos Reis do Egipto e em muitos outros lugares famosos da Antiguidade, alcançavam merecida fama nos meios científicos. Os nomes de Curtius, Humann, Dörpfeld, Evans, Belzoni, Lepsius, Mariette, Petrie, Botta, Layard, Rawlinson, Koldewey — eram justamente admirados pelos frutos notabilíssimos das suas escavações e estudos.

Martins Sarmento, sugestionado e dominado, através das suas absorventes leituras, por essas extraordinárias descobertas, introduzia então no acanhado meio científico português aquelas novas directrizes e concepções das finalidades e possibilidades da Arqueologia, que na última metade do século XIX abriram definitivamente os mais dilatados horizontes à ciência do Passado, e que serviram ao investigador vimaranense para demonstrar que também o povo português possuía «uma das mais puras árvores genealógicas dos povos antigos». Os seus trabalhos alcançaram assim uma extraordinária repercussão, especialmente nos centros estrangeiros de cultura, porque o erudito vimaranense foi de facto, e sem favor, o primeiro investigador português, e dos primeiros da Península, a imprimir um verdadeiro carácter científico ao estudo das antiguidades nacionais. Afirmou o saudoso Professor Leite de Vasconcelos que Martins Sarmento muito havia concorrido para o progresso da História Pátria, não só porque dissipou grande parte das trevas do nosso passado, mas porque a Citânia nos ficou servindo de padrão e modelo para novos estudos de outras ruínas semelhantes.

*Citânia de Briteiros!* Nome bem conhecido em Portugal e além fronteiras, que imortalizou Martins Sarmento! Visitada em 1880 por um grupo dos mais notáveis congressistas do citado Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, e cinquenta anos mais tarde pelos componentes da XV Sessão do mesmo Congresso, a sua fama e interesse científico não se extinguiram até hoje, nos meios cultos europeus, nem tão pouco o seu valor histórico e nacional diminuiu entre nós. Pode quase dizer-se que os mesmos problemas científicos que essas ruínas apresentavam no tempo de Sarmento se mantêm ainda sem uma solução completamente satisfatória. As pesquisas que o sábio iniciou ali há mais de oitenta anos têm prosseguido, a partir de 1935, orientadas pela Sociedade Martins Sarmento, com subsídios da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, havendo-se realizado já na famosa Citânia, desde aquela data até hoje, ano a ano, vinte e oito campanhas de escavações sucessivas: Bem merece pois a prestigiosa Instituição vimaranense o título, se não de *continuadora* da obra do grande sábio, pelo menos o de *conservadora* desse impressionante monumento que ele nos legou.

Dizia Ricardo Severo em 1899, junto ao túmulo de Sarmiento, em Briteiros: «Toda a remotíssima vida do nosso Minho está condensada nessas duas estações de moldes característicos, no Castro de Sabroso na Citânia de Briteiros. Cumpre proteger desveladamente, por todos os meios possíveis, estes padrões de antiquíssima história, que serão sempre os únicos e mais grandiosos monumentos à memória do muito ilustre historiador e patriota». Ninguém poderá acusar a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento de se não haver esforçado pelo cumprimento desse dever.

As escavações, porém, os canseirosos e dispendiosos trabalhos arqueológicos no campo constituíram, na Obra científica de Martins Sarmiento, apenas um esforço de confirmação prática, de documentação material e objectiva. A parte notabilíssima da sua Obra foi a caldeada no cadinho da erudição e dos conhecimentos humanos, a realizada no âmbito do labor mental para a reconstituição da nossa vida social e cultural primitiva, e para o estabelecimento da nossa filiação etnológica. E contudo, apesar da inegável importância dessa Obra, bem restrita expansão tiveram entre nós os frutos sazonados desse enorme esforço intelectual, plasmados nos seus livros fundamentais — *Os Argonautas* e *Ora Marítima*. Caíram esses estudos na indiferença de um meio hostil e sem preparação crítica para a apreciação de trabalhos desta importância, que bem mereciam ser largamente conhecidos do mundo culto. E sê-lo-iam, se não tivessem vindo a lume em Portugal, mas sim em qualquer dos grandes centros culturais estrangeiros.

Chegara Sarmiento, através dos seus estudos, à seguinte proposição : — *Os portugueses de hoje descendem em linha directa dos Lusitanos*. Mas a tese sarmientiana dava lugar a interrogações: — Qual seria, por sua vez, a filiação étnica dos Lusitanos? Que povos pré-celtas eram esses? De onde vieram? Que antiguidade contavam na Península? Seriam oriundos dos povos autóctones do território? Ou invasores que em dado momento histórico aqui se estabeleceram, expulsando, eliminando ou imiscuindo-se na massa démica aborígene? Todas estas incógnitas preocupavam o espírito do investigador. E então, entregou-se afincadamente à tarefa que lhe absorveu o resto da vida, de procurar no estudo uma solução satisfatória para estes problemas candentes.

O poema latino *Ora Marítima*, de Avieno, é considerado, como sabemos, um dos textos mais preciosos para o conhecimento da geografia antiga e da etnologia da Península Ibérica. Diversos investigadores notáveis, como Müllenhof, Sarmiento, Schulten, Berthelot e outros têm procedido a minuciosos estudos críticos deste poema, mas a sua análise é extremamente difícil pela obscuridade de muitos passos, por vezes contraditórios, que se prestam a diferentes interpretações. O autor do poema, Rufo Festo Avieno, escritor latino do século IV da era cristã, parece tê-lo composto servindo-se de

velhas fontes literárias, que alguns comentadores, entre os quais Martins Sarmiento, consideraram provenientes de um vetusto périplo fenício do século VI a. C., atribuindo outros investigadores esse roteiro a um cartaginês, e ainda outros a um grego massaliota. Neste poema se descrevem as costas da Península e os seus habitantes, sendo portanto um documento de indiscutível valor, visto facultar-nos as notícias escritas de mais remota proveniência para o estudo etno-geográfico do Ocidente.

Segundo o falecido Professor alemão Schulten, o mais notável de todos os hispanistas modernos, partidário da tese da origem grega do roteiro, teria sido Éforo, autor do século IV a. C., quem incluía, na sua *Geografia*, este velho roteiro, interpolando-lhe elementos colhidos noutros geógrafos. Por sua vez, da *Geografia* de Éforo, já versificada em grego por alturas do século I a. C., teria, muitos séculos mais tarde, extraído Avieno e vertido para latim a parte que interessava ao seu poema *Ora Maritima*. Estas interpolações e versões sucessivas do primitivo texto teriam sido a causa da deturpação do documento inicial — o roteiro fenício, cartaginês ou grego — e daí a obscuridade de interpretação e dificuldades de identificação de muitas das localidades citadas no texto latino que chegou até nós.

Ora foi no estudo crítico deste poema que Martins Sarmiento baseou principalmente a sua tese da ascendência ligúrica dos Lusitanos. Integrado nessa tese, afirmava o investigador:

1) que os *Lusitanos*, em sentido genérico, provinham de uma remota migração ariana, pré-céltica, constituída por um povo portador da civilização do Bronze, ao qual atribuía a construção dos dólmenes, e que se havia estabelecido na Península muito antes da colonização

fenícia do Ocidente mediterrâneo. Esse povo era o dos *Lígures*, que não tinha quaisquer afinidades étnicas com os *Celtas* históricos, pois estes só muito mais tarde, por volta do século VI a. C., entrariam na Península;

2) que tudo quanto conhecemos dos *Celtas* e da ocupação céltica da Ibéria nos mostra esta parte da Península, isto é — a Lusitânia de Estrabão, do Tejo à costa cantábrica, inteiramente estranha a essa ocupação e à influência da cultura céltica, Como consequência lógica deste segundo ponto, negava a derivação céltica de muitas palavras do onomástico peninsular, nomes étnicos ou gentílicos e nomes tópicos, antropónimos e nomes de deuses locais, que os historiadores e os geógrafos antigos, bem como os monumentos epigráficos nos transmitiram, e os filólogos modernos davam como célticos.

Cumpré desde já dizer que estes problemas sobre os quais Martins Sarmiento assentava as suas conclusões acerca da etnologia dos Lusitanos, continuam ainda hoje a preocupar o espírito dos investigadores, e, o que é mais, a ter defensores e adeptos categorizados das hipóteses formuladas por Sarmiento há mais de 80 anos! Isto significa que, tantos anos volvidos após a

publicação das suas obras científicas, os problemas que ele focou não são hoje teorias obsoletas, que novas correntes de ideias e novas descobertas tivessem posto completamente de lado, mas sim temas que continuam com a mesma actualidade a interessar o espírito dos estudiosos.

Com efeito o problema da presença dos *Lígures* na Península é ainda hoje uma questão largamente debatida e controvertida Desde meados do século XIX que os trabalhos de Belloguet e D'Arbois de Jubainville chamaram a atenção dos estudiosos para a questão da suposta invasão lígure da Península. Desde então até à actualidade se vêm dividindo os pontos de vista dos investigadores: de um lado os que admitem, embora sob **aspectos** diversos, a tese *ligurista*, entre os quais podemos **destacar** Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos **Camille** Julian, Menendez Pidal, Gomez Moreno, Schulten etc.:

do lado oposto, os *anti-liguristas*, como Alexandre Bertrand, Philippon, e modernamente Bosch-Gimpera **Berthelot**, Caro Baroja, e outros. Numa posição intermédia, não negando em absoluto a existência de *Lígures* na Hispânia, mas colocando-se numa atitude cauta de **expectativa** perante elementos insuficientes de prova, os Professores Martin Almagro e Martinez Santa-Olalla, e, **em** Portugal, o saudoso Professor Mendes Corrêa, prestigioso cientista que foi Director do Instituto Superior de **Estudos** Ultramarinos.

Os dados de que dispomos para aceitar ou contestar a existência primitiva de *Lígures* na Península filiam

-se na interpretação dos textos clássicos, onde os Lígures vêm citados, nos argumentos de carácter linguístico e filológico, e na presença de algumas, posto que muito raras, atribuições aos lígures de restos arqueológicos. A verdade é que, se, de um modo absoluto, não temos dados concretos que nos garantam a entrada e fixação de **Lígures** na Hispânia (e seria talvez arriscado aceitar **sem** hesitações a tese de Sarmiento, ou seguir sem discussão a afirmativa de Schulten de que «os Lígures constituem a população mais antiga da Península, historicamente **comprovada**»), também não faltam sugestivas referências nos textos dos autores antigos, que não podemos nem devemos pôr absolutamente de parte, embora as consideremos frágeis. Uma tal posição seria anti-científica.

Anteriormente ao périplo fenício ou grego, suposto do ano 530 a. C., que através da *Ora Marítima* de Avieno nos fala de Lígures na Península em dois passos, aliás contestáveis e duvidosos — a alusão ao *pernix ligus* e a referência ao *lacus ligustinus*, nome dado à zona pantanosa onde desagua o Guadalquivir, outrora designado rio Tartéssios e depois o Baetis dos Romanos — já a Teogonia de Hesíodo, escrita por meados do século VII a. C., num dos seus fragmentos conservados em Estrabão, alude também aos Lígures na Hispânia, de um modo vago é certo, referindo-se aos povos do Ocidente limítrofes do mundo grego. Helânico, no século V a. C., e Tucídides, bem como

outros autores que posteriormente neles se apoiaram, como Filisto, Éforo e Dionísio de Halicarnasso, dizem que os *Sicanos*, eram Iberos que se acolheram à Sicília, Ilha a que deram o nome, *fugindo aos Lígures*, que os haviam expulsado das margens do Rio *Sicranos*, hoje identificado ao Juncar, que lança as suas águas no Mediterrâneo, a sul de Valência. Eratóstenes, e Estrabão depois deste, chamaram à Península *Ligústike* ou, no idioma latino, *Ligustina*. Finalmente, Estêvão de Bizâncio, já no século V da era cristã, alude também ao nome tópico *Ligustina* (sem citar a fonte de onde recolhera esta informação) dizendo que era uma *cidade de Lígures, situada na Ibéria*, perto de Tartessos. Este passo induziu o Professor Schulten a considerar pertencentes ao ramo lígure, entre outras populações do ocidente da Península, os *Cúneos*, *Cónios* ou *Cinetes* do Algarve, aos quais também alude o Périplo de Avieno que, ao descrever as costas algarvias, cita os *populi Cynetum* e o *Cyneticum iugum* (v. 201). Esta mesma designação emprega Hecateu, quando, referindo-se à província Narbonense, no sul da França, considerada terra de Lígures, diz que aí, no *litus Cyneticum*, habitava a tribo ligúrica dos Elisices. A propósito destes Lígures da França meridional, diz também Avieno que eles estavam separados dos Iberos somente pelo rio Oranus, que Schulten identifica ao Lez, perto de Montpellier e tem sido igualmente identificado com o Hérault e com o Ródano, Por seu lado, Hecateu posto não fale concretamente de Lígures na Ibéria, alude também a uma população, que designa *Misgetes*, que ocupava o sul da França, desde o Ródano aos Pirinéus, povo este que o pseudo Silax de Carianda considerava «**Iberos** mesclados com Lígures».

São vagas e de interpretação duvidosa, como vemos, estas notícias colhidas nos textos antigos, pois dão lugar a pontos de vista muito diferentes. Nota-se ainda que tais referências são todas provenientes de autores Gregos anteriores à conquista romana da Península, de modo que, a partir do século III a. C., não mais se fala de Lígures na Hispânia nos textos antigos, a não ser aquelas referências tomadas pelos latinos dos citados autores Gregos. Os escritores Romanos preocuparam-se pouco em geral com a etnologia dos povos primitivos da Península, e, para esses escritores, os Lígures eram simplesmente os habitantes da Ligúria do seu tempo, com os quais os Romanos lutaram. Ora, nessa época, já deveria ser bem profunda a diferenciação racial entre estes Lígures em sentido restrito e quaisquer ramos do mesmo tronco étnico que, em remota data, houvessem ocupado a Península.

Quanto à origem dos Lígures, deduz-se do texto de Avieno serem povos que, anteriormente aos Celtas, ocupavam as costas da Frísia e do Mar do Norte, de onde teriam sido expulsos pelos Celtas para o sul, estabelecendo-se então na região alpina e costas mediterrâneas do território que desde então tomou o nome de Ligúria. De um modo geral, através da interpretação dos textos clássicos que citamos, criou-se a convicção da existência

de um povo indo-europeu, anterior aos Celtas e aos Iberos, que teria ocupado a Gália, a Germânia do norte e quase toda a Península Ibérica, regiões de onde mais tarde fora repellido por aqueles povos. Por seu lado a Filologia e a Arqueologia modernas inclinam-se a considerar realmente os Lígures como procedentes de uma remota população alpina que se expandiu até às costas mediterrâneas da chamada Ligúria, e aí se estabeleceu, tomando contacto, já em época tardia, com a civilização etrusca.

Porém, as opiniões dos diversos autores contemporâneos, quanto à invasão da Península Hispânica por este povo, dividem-se muitíssimo. Citemos em rápida síntese, algumas delas:

Para Menendez Pidal, os Lígures teriam alcançado apenas o Noroeste da Itália e a Gália mediterrânea, penetrando no vale do Ródano; e, transpondo os Pirinéus, alcançariam o Noroeste da Hispânia e alguns pontos a sul, na Turdetânia, onde teriam chegado já mesclados com Ilírios, no período que decorre do séc. VIII ao VI a. C. Eram emigrantes procedentes da Europa Central, chamados *Ambrones*, cuja cultura, porém, estava impregnada de características mediterrâneas.

Para Gomez-Moreno, os povos hispânicos de procedência lígure eram especialmente os do norte e noroeste — Cântabros, Astures, Vetones, Lusitanos, Carpetanos, Vacceus, Autrígones, Carístios, Várdulos e Cempsos, os quais no século VI a. C., foram dominados por uma nova capa etnológica constituída pelos Celtas.

Martin Almagro apresenta a hipótese de os Lígures só tardiamente terem penetrado na Península, arrastados com a invasão céltica, tal como se supõe ter acontecido com um pequeno núcleo de Germanos localizados na

Serra Morena, visto admitir-se hoje que as hordas dos Celtas da invasão não constituíam uma massa démica homogénea, mas sim um aglomerado de povos afins.

O Prof. Mendes Corrêa, tal como o Prof. Almagro, aceitando as razões que se opõem a uma negativa formal da inclusão dos Lígures entre as primitivas populações que ocuparam a península, designava contudo essas populações simplesmente, e de um modo geral, de *pré-celtas*, o que, sob o ponto de vista da sua definição etnológica, temos de reconhecer que, sendo na verdade cauteloso e prudente, é contudo demasiado vago.

Para o grande hispanista Adolfo Schulten os Lígures não eram arianos mas sim povos pré-indogermanos, procedentes de raças meridionais oriundas do norte de Africa, que invadiram a Península, e, por via marítima, teriam chegado até às costas do Mar do Norte, povoando toda a Europa ocidental e constituindo a grande unidade pré-celta da Idade de Bronze. A esta raça pertenceria a população mais antiga da Hispânia, sendo os Iberos igualmente de origem africana, mas muito posteriores aos Lígures. Para Schulten eram de raça



lígure designadamente os Draganes, os Oestrímnios, os Albiones das Astúrias, os Cúneos do Algarve, as populações da foz do Baetis (Guadalquivir) e os Ceretes de uma parte da Catalunha.

Finalmente, o insigne etnólogo Professor Bosch-Gimpera prescinde formalmente da presença dos Lígures na Península, afirmando que o primeiro texto que deles nos fala, atribuído a Hesíodo, remonta a uma época em que o mundo ocidental grego terminava na Sicília, não podendo portanto considerar-se existente nesse texto qualquer alusão à Ibéria; e que, por outro lado, as referências aos Lígures, nos textos gregos posteriores, não passam de uma denominação adoptada por esses escritores, insuficientemente informados acerca dos povos do Ocidente, denominação generalizada e sem significado étnico específico, tal como hoje dizemos «**nórdicos**» quando nos referimos, de um modo geral, aos povos europeus do Norte. Para este autor, tanto os *Lusitanos* como os *Lusones* da antiga Celtibéria (estes localizados na zona castelhana do Jalon, onde ainda actualmente persistem no toponomástico local os nomes de *Luzaga* e *Luzón*) representam os restos de uma remota população eneolítica, pertencente a um dos grupos da chamada *Cultura das grutas*, do centro da Península. Deste modo, os Lusones são para Bosch-Gimpera um produto, já fortemente iberizado, daquele grupo de tradição eneolítica, enquanto que os Lusitanos constituem igualmente um estrato das mesmas populações primitivas, mas que se manteve intacto e puro, deslocado para o ocidente e isolado no seu *habitat* das montanhas portuguesas da região atlântica da Península.

Sob o ponto de vista filológico, o problema ligúrico não tem obtido igualmente melhor nem mais segura solução, do que a alcançada na interpretação dos textos antigos, ou nos escassos e duvidosos elementos fornecidos pela Arqueologia, pois a questão linguística assenta apenas em analogias fonéticas e na frequência de certos nomes no onomástico de determinadas regiões, nomes cujas raízes alguns filólogos dão, com maior ou menor certeza, como pertencentes ao velho idioma lígure, Mas a helenização e sobretudo a celtização destes povos deveria ter exercido neles, através dos séculos, tão profunda influência sob o ponto de vista não só linguístico, mas cultural e mesmo étnico, que a diferenciação actual daquilo que, do primitivo *substratus* desses Lígures da Hispânia, nos possa por ventura ter chegado, é extremamente difícil de discernir, não tendo sido possível isolar com segurança o elemento lígure primitivo dos contágios e assimilações que sofreu, especialmente de origem céltica, ilíria ou itálica.

Por esta promiscuidade de hipóteses, de afirmações e dúvidas, todas assentes em frágeis alicerces, se pode calcular a dificuldade do problema que Martins Sarmiento foi dos primeiros a tentar resolver, — o da filiação étnica dos nossos antepassados *Lusitanos*, e quanto essa questão constitui ainda hoje um

problema obscuro, aguardando solução definitiva, se é que nesta ordem de questões científicas possa haver soluções definitivas.

Os povos sob a designação explícita de *Lusitanos* surgem pela primeira vez no século III a. C. , mencionados nos textos históricos como guerreiros mercenários peninsulares incorporados nos exércitos cartagineses de Aníbal. O Professor Mendes Corrêa, sem aliás se pronunciar, como dissemos, a favor da derivação dos Lusitanos de um estrato lígure, pretendeu recuar o aparecimento destes na História, baseado no passo de Avieno que alude ao *pernix lucis*, onde o ilustre Professor, admitindo um erro do copista, quis ler a palavra *luisis* ou *lusus*, e não a palavra *ligus*, como foi proposto na emenda de Schrader à edição prínceps. Na lição *ligus* haverá evidentemente que reconhecer uma alusão à primitiva existência de Lígures no nosso território; na adopção da leitura *luisis* surge implicitamente a primeira referência histórica aos *Lusus* ou *Lusitanos*. Mas este ponto de vista, que Mendes Corrêa defendeu com brilho, apoiado por várias autoridades na matéria, como Bosch-Gimpera, Berthelot e outros, foi também contestado, com não menor autoridade, em face de razões igualmente aceitáveis, de ordem histórica e gramatical, especialmente por Leite de Vasconcelos e Schulten.

Quanto à tese sarmentiana da oposição do sábio vimaranense à presença dos Celtas na Lusitânia, se bem que ela não possa hoje sustentar-se, em face do que presentemente se conhece, com o testemunho da Arqueologia, da Filologia e dos textos históricos, acerca das invasões célticas e da ocupação celta não só da Meseta central e territórios do norte e ocidentais da Península — Astúrias, Galiza e Portugal — a verdade é que cairíamos no extremo oposto se déssemos excepcional valor às influências dessa ocupação, tal como faziam os celtistas do tempo de Martins Sarmiento, para os quais tudo quanto não era marcadamente romano era celta. Ainda há poucos anos, Bosch-Gimpera escreveu na sua obra monumental sobre *La formación de los pueblos de España*: «De um modo genérico, parece que, apesar da reconhecida celtização cultural dos povos de Portugal e da Galiza, bem como dos do norte de Espanha (Astúrias e região cantábrica) eles mantiveram intacta sob o domínio céltico, pelo menos parte da sua população indígena, e esta, no decorrer do tempo, deve ter predominado, não sendo portanto os habitantes dessas regiões *tão celtas como se supõe*». E afirma ainda o mesmo autor: «Nos territórios ocidentais, Galiza e Portugal, penetrariam apenas *clãs* de guerreiros celtas, ou massas pouco densas, que na roda do tempo não conseguiram afinal desnaturalizar demasiadamente a população indígena... Esta população, mais ou menos intacta culturalmente, acabaria por absorver os seus dominadores». Também Garcia y Bellido, Professor de Arqueologia na Universidade de Madrid, apoiado principalmente em Plínio, diz que no século I da nossa era ainda os Celtas não estariam estabilizados na Galiza, sendo elementos instáveis, ainda na sua fase

imigrante, imiscuídos nos elementos locais, pré-celtas, de procedência indo-germânica.

Mas se a pré-celticidade dos *Lusitanos*, proclamada por Martins Sarmiento, quer os Lígures fossem ou não os seus ascendentes, é hoje um ponto assente, não se pode contudo negar a marca indelével que a Cultura céltica deixou impressa na Cultura dos Lusitanos, e que nos é revelada por exemplo no carácter e na tipologia de muitos dos vestígios arqueológicos dos nossos velhos castros e citânias pré-romanas.

Foi, como acabamos de ver, o estudo exaustivo da análise crítica do poema *Ora Maritima*, que Martins Sarmiento publicou em 1880 (e cuja 2.<sup>a</sup> edição, muito remodelada, só veio a lume 16 anos mais tarde), a fonte principal da sua tese sobre a etnologia dos *Lusitanos*, apresentada nesse mesmo ano de 80 ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré--históricas. Mas, se as conclusões a que o conduziu esse estudo não trouxeram a solução do problema, nem confirmaram absolutamente o ligurismo dos Lusitanos, assunto ainda hoje em discussão, teve contudo Martins Sarmiento o incontestável mérito de, numa dedução admirável, poderíamos dizer — genial, proclamar e defender um ponto de vista hoje seguramente esclarecido e confirmado à luz dos modernos estudos sobre o Neolítico final e começos da época do Bronze, qual seja o da existência nos tempos pré-históricos de um foco de Cultura ocidental atlântica, irradiando da Península Ibérica, embora influenciado em parte pelas civilizações do oriente mediterrâneo.

Após a publicação do estudo do *Ora Maritima*, outro grande trabalho absorveu durante sete anos o espírito de Martins Sarmiento — a interpretação da lenda dos *Argonautas*, que publicou em 1887.

Recordemos, em síntese, esta famosa lenda integrada no ciclo de façanhas heróicas praticadas pelos personagens míticos que enriqueceram, com suas aventuras de epopeia, a velha literatura grega. Nessa colectânea de obras poéticas e filosóficas chamadas *Órficas*, cujos fragmentos mais antigos remontam ao século VI a. C., e são atribuídas ao pseudo Orfeu, está incluído o poema intitulado *Argonáutica*. O poeta e gramático grego Apolónio de Rodes, que viveu no século III a. C., escreveu um poema épico, em quatro cantos, inspirado na *Argonáutica* de Orfeu, e o mesmo tema foi posteriormente retomado no mundo latino por Valério Flaco, já no século I da nossa era.

A lenda dos *Argonautas* narra as peripécias da viagem que anteriormente à guerra de Tróia, fizeram à Cólquida, no navio «Argos», em demanda do «velo de ouro», cinquenta aventureiros gregos, entre os quais se contava Jasão, chefe da arrojada expedição, os Dióscuros Castor e Polux, o próprio Orfeu, Hércules e outros. A nave largou de lolcos, porto da Tessália,

sulcou o Mar Egeu, tocando nas Ilhas de Lemnos e de Samotrácia, entrou na Propôntida (Mar de Mârmara) através do Helesponto (hoje o Estreito de Dardanelos) e atingiu o Euxino (Mar Negro) pelo Bósforo, chegando, após inenarráveis trabalhos, perigos e aventuras, ao reino de Aetes, na Cólquida. Ali conseguiu Jasão apoderar-se do famoso «velocino», auxiliado pela filha do rei, Medeia, que o herói grego raptou, fazendo-se ao largo, mas sendo logo perseguido pelos colquídeos. A descrição do itinerário seguido na fuga, durante a acidentada viagem de regresso dos Argonautas, em demanda da pátria que procuravam alcançar, perseguidos pelos colquídeos, que lhes tomaram a saída do Euxino, diverge, conforme os escritores que, em épocas sucessivas, abordaram o tema, e conforme os conhecimentos geográficos se foram ampliando no decurso dos séculos. Guardado o Estreito do Bósforo pelos partidários de Aetes, viram-se os Argonautas forçados a procurar caminho diferente: entre as diversas versões acerca da nova rota que eles seguiram, figura aquela em que os perseguidos, entrando pela foz do Danúbio e subindo esse rio, passaram depois ao curso do Reno e em seguida ao do Ródano, para desembocarem de novo no Mediterrâneo, de onde fizeram rumo à Grécia.

A interpretação histórica dessa lenda, pertencente à epopeia das navegações gregas nos tempos heróicos, atraiu o espírito investigador de Martins Sarmiento, que se entregou ao estudo minucioso desses textos, dissecando igualmente outros elementos subsidiários, como o **10.0** e **11.0** Trabalhos de Hércules e a parte da Odisseia relativa aos Errores de Ulisses, que considerava também versões da Argonáutica, chegando por fim a esta conclusão arrojada: a lenda dos *Argonautas* não devia ser de origem grega, mas sim fenícia, e por conseguinte o texto primitivo diria respeito às primeiras navegações tinas para o Ocidente, cuja remota tradição a literatura grega haveria utilizado, helenizando-a e desfigurando-a por completo. O carácter absurdo, confuso e contraditório do poema, relativamente à rota seguida pelos Argonautas, explica-o Martins Sarmiento pelos erros de interpretação cometidos pelos escritores gregos sobre o pressuposto antigo texto fenício, de onde teriam extraído a lenda, deturpando-a na adaptação, tal como acontecera ao périplo massaliota que dera origem ao *Ora Marítima*, alterado através de várias gerações antes de chegar à redacção que finalmente lhe deu Avieno. Escreveu Martins Sarmiento — «Nós cremos deveras na existência de uma Argonáutica fenícia, que se foi desfigurando pouco a pouco na mão dos gregos, até que a pena de Apolónio a fixou na forma que lhe vemos hoje».

Tomando pois como base o poema de Apolónio, deu-nos Martins Sarmiento uma nova e audaciosa interpretação crítica da lenda, uma verdadeira criação original, em que procurava demonstrar a tese que condensou nestas breves palavras suas: «Os navegantes que aparecem na foz do Erídano (ou Reno) para depois, pelo Ródano, saírem para o Mediterrâneo, não são mais que

navegantes tinos que os gregos helenizaram». E então, o «velo de ouro» da lenda, procurado no Oriente, transmuta-se, segundo a interpretação sarmentiana, na cobiçada demanda do estanho dos Cassitérides, que ficavam precisamente no extremo oposto do mundo então conhecido; e o espírito de aventura que, na versão literária grega, animava os heróicos tripulantes da «Argos», transforma-se na simples empresa comercial dos tírios, criadores das primeiras feitorias nas costas do extremo ocidental do mundo mediterrâneo.

Nos três últimos capítulos desta obra fundamental talvez os mais interessantes, dá-nos Martins Sarmiento um quadro etnográfico das relações dos Fenícios com o Ocidente, e da civilização peninsular, que era em sua opinião a dos Lígures, ao tempo das primeiras viagens dos mercadores de Tiro, abordando por fim, e de novo, a tese, já defendida nos seus trabalhos anteriores, do ligurismo dos Lusitanos, e persistindo na tenaz afirmativa da restrita influência da Cultura céltica no Noroeste hispânico, reincidindo assim no que ele próprio classificava ironicamente de «as suas heresias». Esta dissecação erudita da *Argonáutica* constituiu para tão sagaz comentador de textos arcaicos, um trabalho exaustivo, de longos anos, mas infelizmente a nossa crítica científica e o nosso acanhado meio cultural não tinha a preparação e o desenvolvimento necessários para apreciarem tentativas deste vulto. E, por isso, à volta de uma publicação sob tantos aspectos importantíssimos para o estudo das influências orientais na civilização e colonização do Ocidente através da expansão do comércio fenício, fez-se entre nós um quase absoluto e confrangedor silêncio. A própria repercussão das teses sarmentianas nos meios cultos estrangeiros teria sem dúvida obtido uma atenção muito grande ou pelo menos igual a outras tentativas etnológicas semelhantes, se as suas obras fossem publicadas em qualquer idioma de expansão mundial. A este respeito escreveu José Caídas, referindo-se aos trabalhos de Martins Sarmiento: «Uma das maiores desgraças, se não, em meu juízo, a principal que pode suceder a um escritor que se consagra a uma obra útil, é ter para instrumento das suas revelações uma língua que poucos entendem».

Além destas obras fundamentais, cujos temas acabamos de condensar em abreviada síntese, escreveu ainda Martins Sarmiento numerosos artigos de carácter científico sobre Etnologia tais como — *Os Gregos no Noroeste da Ibéria; Lusitanos, Lígures e Celtas; Os Celtas na Lusitânia*; sobre Arqueologia — *A propósito das estátuas galaicas; Acerca das escavações de Sabroso; Sobre as antigas cidades da Ibéria; A propósito de castros; Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães; etc.*; sobre Mitologia — *O deus Bormânico; Os Atlantes de Diodoro Sículo; O deus Brigo*; sobre Arte pré-histórica, os artigos

— *Arte pré-romana; Se antes da invasão romana havia uma arte entre nós; A arte micénica no Noroeste da Espanha*; e ainda muitos outros, sobre Epigrafia, Geografia antiga, Tradições populares, etc.

Em todos estes admiráveis trabalhos transparece o mesmo forte poder de reconstituição histórica e de síntese, que denota a lúcida e sagaz visão retrospectiva do insigne investigador, e a base firme, de sólida preparação científica, em que ele assentava as suas proposições. Quando morreu, deixou ainda numerosos cadernos manuscritos inéditos, cerca de 4.500 páginas actualmente arquivadas e a salvo de extravio na Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, repletas de valiosíssimos apontamentos sobre variados assuntos científicos, precioso espólio que, se um dia alcançar possibilidades de publicação, fornecerá aos investigadores vastos materiais para o prosseguimento de novas e interessantes pesquisas que Martins Sarmiento não teve tempo de realizar, pois lhe foi curta a vida para tão extensa obra. A sua existência queimou-a rapidamente nas lucubrações do espírito, no trabalho exaustivo das suas absorventes indagações. Morreu sem conhecer a velhice intelectual, é certo, mas estava no entanto, fisicamente esgotado.

A vida não lhe chegou para a conclusão de muitos projectos de trabalho, pois se é verdade que despendia uma extraordinária e febril actividade na recolha constante dos materiais de estudo, desde os mais insignificantes, a sua ponderação, longamente meditada e profundamente reflectida, no emprego desses materiais em obras definitivas, exigia-lhe uma calma e tranquilidade absolutas, uma demorada revisão desses materiais, sem pressas nem precipitações. Era este o seu método de trabalho, que aliás alguns lhe criticaram, lastimando que não nos houvesse deixado, por exemplo, uma obra de conjunto sobre o problema dos castros, e muito especialmente uma monografia acerca das suas famosas explorações na Citânia de Briteiros. Trazia ele em projecto, de facto, um largo trabalho nesse sentido, que tencionava dar à publicidade na *Portugália* de Ricardo Severo e Rocha Peixoto, subordinado ao título de *Materiais para a Arqueologia do Entre Douro e Minho*, quando a morte o surpreendeu. Às sugestões instantes dos seus amigos e admiradores, respondia ele que não podia limitar-se a um relato meramente descritivo das suas descobertas, resultante da simples análise dos documentos arqueológicos. O espírito do sábio profundamente inclinado à indagação especulativa, desejava tirar, das aquisições concretas dessas pesquisas no campo, deduções mais amplas e generalizadas, sempre ligadas ao problema empolgante da nossa etnologia, a incógnita fundamental que tão intensamente prendera o seu labor de estudioso.

E assim, infelizmente, não pôde dar aos voos da sua inteligência a amplidão que requeriam. Em 1883, escrevia ele num dos artigos que publicou: «Desenganado estou há muito, atenta a quantidade inumerável dos nossos monumentos arqueológicos, as dificuldades da sua descoberta e os dispêndios das escavações, de que só poderia chegar ao fim da minha tarefa, sonhada em momentos de entusiasmo insensato, se tivesse ao meu dispor duas coisas





**casadesarmiento**

centro de estudos do património

simplesmente impossíveis: o elixir da longa vida e a pedra filosofal». E, em carta a Oliveira Martins, lastimava-se ainda o Arqueólogo de não possuir as maravilhosas «botas de sete léguas e um alvião tão bom como elas», que lhe permitissem correr montes e vales à procura das inúmeras riquezas do passado, que a terra guarda e a sua intuição arguta lhe apontava. Pioneiro incansável das nossas antiguidades sentia o tempo fugindo célebre e a vida tornar-se-lhe curta para a realização da sua Obra.

Obra gloriosa a deste Vimaranense notabilíssimo, que foi simultaneamente um dos maiores vultos nacionais da segunda metade do século XIX, e um exemplo, a todos os títulos modelar, como cidadão austero e íntegro. Como sábio, deixou na sua passagem um rasto de luz e alcançou renome universal. Às superiores qualidades mentais sabia aliar a mais franca honestidade de processos de trabalho e as mais nobres qualidades morais. Um seu íntimo amigo dedicou-lhe estas palavras concisas e justas : «Francisco Sarmiento era a mais subtil inteligência, o mais rico talento e, sobretudo, o carácter mais ingenuamente honrado que em minha vida conheci», Foi na verdade um carácter de eleição e um grande benemérito da Pátria!

Se os grandes portugueses dessa geração extraordinária de intelectuais e cientistas do final do século passado merecem na verdade o nosso respeito, a nossa admiração e a nossa gratidão — penso que a memória de Martins Sarmiento teria jus a um acto de reconhecimento por parte do Estado: a publicação dos seus valiosos e interessantíssimos inéditos, que há mais de meio século dormem no esquecimento dos arquivos, e a conclusão do edifício da sede social da Colectividade que em sua honra foi criada há 79 anos, e é considerada hoje uma Instituição de Utilidade Pública, condecorada e louvada diversas vezes pelo Governo, como prémio dos serviços que tem prestado à instrução popular e ao prestígio da Cultura nacional.